

*O tratamento de Bo
(no meio) e a paixão
pelo ciclismo
reuniram Dave
Berson (à esquerda)
e Remco Jansen.*

Como uma jovem família de Amsterdã
em um momento difícil fez amigos para
sempre na Filadélfia POR LISA FITTERMAN

Para ajudar Bo



E-MAIL CHAMOU A ATENÇÃO de Dave Berson. Como tantas tentativas de golpe pela Internet, o assunto da mensagem, em letras maiúsculas, dizia: “Precisamos de ajuda!” Mas essa parecia diferente. Sentado no caótico escritório no porão de casa, num subúrbio ao norte da Filadélfia, na Pensilvânia, cercado por pilhas de roupas de ciclismo e fotografias da família – suas duas paixões –, ele começou a ler.

Em poucos segundos, naquela manhã de fim de inverno em 2011, o recrutador corporativo de 44 anos tinha sido fisgado. Pelo e-mail, soube de Bo Jansen, uma menininha holandesa inteligente e corajosa cujos joelhos estavam fundidos quase em ângulo reto, deixando as pernas rígidas e dobradas. Ela fazia a longa viagem até a Filadélfia com os pais e dois irmãos mais novos na esperança de que, ali, uma cirurgia a ajudasse a andar pela primeira vez na sua jovem vida.

Ele leu que Bo, 6 anos, nascera com artrogripose, doença congênita que afeta cerca de 1 em cada 3 mil crianças. A versão específica de Bo era ainda mais rara: 1 em 10 mil. E, por estar muito determinada a se tornar independente, ela já conseguia se deslocar pelo quarto de joelhos.

O e-mail, escrito por um amigo americano da família de Bo, insistia que os pais da menina, Nancy e Remco Jansen, não procuravam doações, mas alguém que os orientasse. Remco já conseguira emprego e o casal era fluente em inglês. Mas desenraizar uma família e instalá-la em terra estranha durante mais de um ano era no mínimo assustador.

“Estou escrevendo para ver se conseguimos colocar em prática um pouco daquele maravilhoso espírito de vizinhança americano para ajudá-los a se orientar na Filadélfia”, leu Dave. “Alguém aí estaria interessado em participar do *dream team* de Bo?”

De repente, Dave soube que tinha de fazer parte daquele time. Queria juntar céus e terras na sua comunidade para ajudar Bo e a família a se

adaptarem com o mínimo possível de dificuldades – e não só por espírito de vizinhança.

Sua mulher, Rita, costumava implicar com ele: “Se alguém ligar no meio da noite para lhe pedir ajuda, no instante seguinte você sai correndo da cama”, dizia.

Ciclista entusiasmado que competiu na Europa no início da década de 1990, ele sabia como era ser um estranho numa terra estranha. Lá, houve gente que lhe abriu as portas de casa e o ajudou a passar por alfândegas, a aprender a língua e a entender aquelas malditas rotatórias tão comuns no continente. Ele retribuía várias vezes, recebendo em casa, com todo o prazer, ciclistas europeus.

Mas ali havia mais do que necessidade de ajudar. A história de Bo tocou algo muito profundo em Dave. O fato de ser pai de uma criança – a filha Hannah, hoje com 6 anos – que enfrentara graves problemas de saúde ao nascer (sobre os quais Dave ainda acha difícil falar) o levou a agir.

Dave entrou em contato com Barbara, que foi quem lhe repassara o e-mail. “Estou dentro”, disse.

NAQUELE MESMO DIA, em Broek in Waterland, aldeia oito quilômetros ao

norte de Amsterdã, Nancy Jansen sentou-se diante do computador e abriu um e-mail. Curto, conciso, dizia: “Olá, eu me chamo Dave. Podemos ajudar. Basta dizer do que precisa.”

Ela ligou para Remco, aliviada. Zonzos com as minúcias do planejamento de passar pelo menos seis meses no

exterior, numa cidade americana, eles tinham recebido uma resposta ao pedido cibernético de ajuda.

Estar em Broek, com suas ruas estreitas e casas baixas pintadas de todas as cores do arco-íris, é como voltar no tempo. É um lugar onde todos se conhecem. Bo,

de cabelo louro comprido, rosto largo e sorriso radiante, cresceu ali, confiante e confortável na sua cadeira de rodas.

Nancy e Remco procuraram inutilmente um médico holandês capaz de dar à filha a oportunidade de sair da cadeira. Por fim, Nancy ouviu falar do Dr. Harold Van Bosse, cirurgião ortopédico da Filadélfia especializado em tratar crianças com artrogripose. Ela lhe mandou o histórico clínico de Bo. No verão de 2010, ele avisou ao casal que compareceria a uma conferência em Amsterdã e que gostaria de examinar a menina.

A consulta aconteceu num fim de tarde. Embora estivesse cansada



OS JANSENS
NÃO QUERIAM
DIVIDIR A
FAMÍLIA.
PRECISAVAM DE
UM LAR PARA
TODOS PERTO
DA FILADÉLFIA.

e com fome, Bo impressionou o cirurgião ao andar de joelhos. “Se ela faz isso, conseguirá andar”, disse Van Bosse a Nancy e Remco. Eles se entreolharam, sem saber se tinham escutado direito. Mas tinham.

O casal não queria separar a família, com apenas um deles acompanhando Bo durante os vários procedimentos dolorosos para alongar as articulações e o outro ficando com os dois filhos menores, o ruivo Zef e o caçula Fay, que ainda nem fizera 2 anos. Foi uma sorte Remco encontrar emprego de consultor de saúde numa empresa multinacional da Filadélfia e poder levar a família inteira com o visto de trabalho temporário.

A primeira necessidade deles era um lugar para morar, e mandaram a Dave a foto da casa que estavam pensando alugar na zona norte da cidade.

“A área não é boa!”, foi a pronta resposta. “Evitem.”

Eles aceitaram, agradecidos, o oferecimento de Dave de acompanhar o corretor a outros imóveis e tirar fotos para lhes mandar, juntamente com observações sobre cada imóvel. E assim começou o relacionamento da família com o homem de pouquíssimas palavras e imenso coração.

“É um caixote”, escreveu com desdém sobre uma casa. “Escadas demais”, comentou sobre outra.

Por fim, ele escolheu uma casa em Jenkintown, comunidade encantadora um pouco afastada, ao norte de Elkins Park, onde morava, com lojinhas, restaurantes, uma praça e um café que faz

o melhor *latte* da região. Revestida de tábuas e estuque, a casa tinha três andares e uma suíte no alto para hospedar os avós.

Depois de encontrada a casa, Dave, Barbara e seus amigos entraram em ação. O primeiro passo foi fazer uma lista de itens necessários, que incluía três camas para as crianças,

um conjunto estofado e “basicamente, tudo o que se usa na cozinha”.

Eles esquadrinharam a casa de parentes, amigos e colegas atrás dos itens de que precisavam.

Em meados de maio, estavam tão sobrecarregados que Dave começou a elaborar planilhas. Um dos registros, um sofá e duas poltronas, foi presente de um “cara da praça de Jenkintown”.

Quando mandou as planilhas a Remco e Nancy, eles ficaram comovidos e um pouco espantados. Dave e essa comunidade americana específica pareciam ter um grande coração.



NOS ESTADOS
UNIDOS, A
PEQUENA BO,
MUITAS VEZES
COM DORES
FORTES,
ENFRENTOU
QUATRO
CIRURGIAS NAS
PERNAS.



No alto: Bo e a mãe, Nancy, esperam a primeira consulta com o Dr. Van Bosse, na Filadélfia. No meio: A perna direita de Bo já quase reta. A próxima cirurgia instalará um aparelho na perna esquerda. Abaixo: Obrigado e até logo, Dr. Van Bosse.



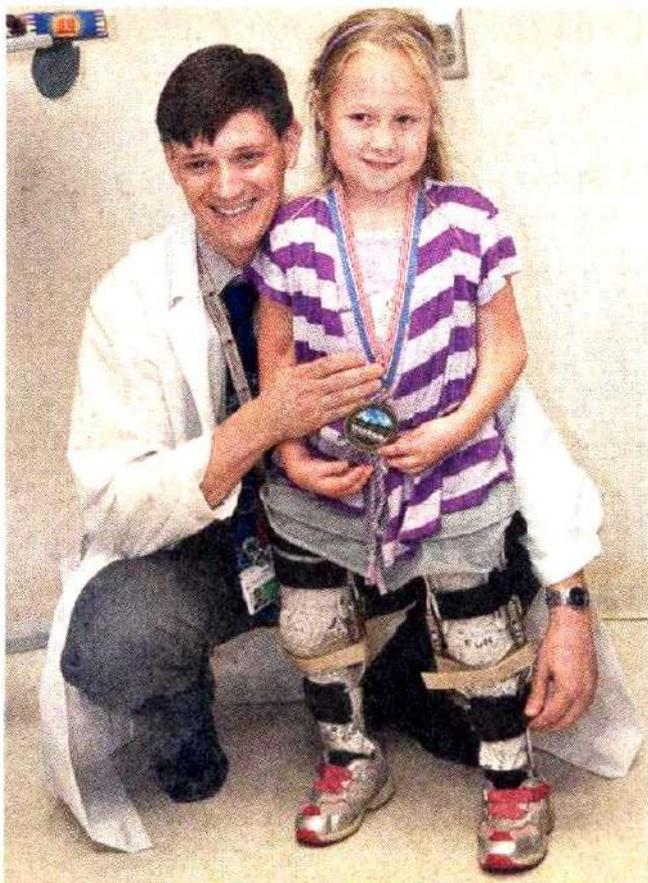
REMCO CHEGOU EM meados de maio de 2011, semanas antes do restante da família. Dave, modesto, sério e solícito, foi buscá-lo no aeroporto.

Pedi desculpas por não achar uma casa com banheiro no andar principal para Bo, e temia que o quintal fosse pequeno demais.

“Não se preocupe”, disse Remco, um tanto perplexo, enquanto percorria cada cômodo. “Você deveria ver o tamanho do nosso quintal em Broek. Mais parece um selo do correio.”

Dave dedicou seu tempo a ir com ele comprar todas as pequenas coisas que transformariam a casa no lar da família. Enquanto faziam compras, conversavam, principalmente sobre ciclismo. Nos e-mails, já tinham falado da paixão comum pelo esporte; quando Dave mandou uma foto para que Remco o reconhecesse no aeroporto, o holandês respondeu que ele se parecia muito com Pedro Delgado, o ciclista profissional espanhol. Dave respondeu: “Só que mais baixo.”

Dave, hesitante, levou cerca de uma semana para falar de Hannah a Remco. Embora ela agora estivesse bem, a sen-





Bo, uma amiga e a irmã menor, Fay, em casa, em Brœek, na Holanda.

sação de impotência e a necessidade de protegê-la permaneciam. Instintivamente, Dave entendia por que Bo ia se mudar para lá com o restante da família – e por que estavam aproveitando aquela oportunidade. Ele teria feito a mesma coisa por Hannah sem pensar duas vezes. Agora Remco também entendia. Os dois homens tinham mais um ponto de ligação.

No dia em que o restante da família chegou, exausta e carregada de malas, Dave foi com Remco buscá-los e levou-os para casa. Quando

viu seu quarto, o primeiro que não teria de dividir com ninguém, o rosto de Bo se acendeu. Era perfeito para uma princesa Disney: todo branco e arejado, com muitos cartazes de cavalos – seu animal favorito – correndo.

“Adorei!”, declarou a menina. “Esta casa é ótima!”

Logo logo, a casa era um lar. Dave estava sempre disponível quando precisavam de algo – carro por um dia, ajuda com as carteiras de motorista. Ligava para convidar os Jansens para churrascos. Ou para avisar que levaria a família ao zoológico; não gostariam de ir também?

A primeira cirurgia de Bo, para corrigir o pé torto con-

gênito, aconteceu apenas 15 dias depois da chegada da família. Dali a um mês, Van Bosse instalou um “fixador” externo, um halo de metal com varas finas e dobráveis, em torno do joelho direito, seguro por pinos aparafusados nos ossos da coxa e da canela. Três vezes por dia, Nancy girava um parafuso preso ao fixador para apertá-lo, de modo a endireitar a perna só mais um pouquinho.

Às vezes, Bo gritava de dor. Mas perseverou, e, em outubro, Van Bosse fez o mesmo procedimento na perna

esquerda. Em 18 de janeiro de 2012, um dia antes do sétimo aniversário da menina, o segundo fixador foi retirado. Dali a uma semana, Bo teria uma consulta com a fisioterapeuta do hospital. Estava apavorada.

- Mãe, segure os meus pés! - gritou a princípio.

Nancy estendeu as mãos para segurá-la, protetora, quando a fisioterapeuta a manobrou entre barras paralelas. Bo trincou os dentes, se agarrou nas barras e sussurrou:

- Mãe, se afaste.

Nancy recuou um pouquinho.

- Mais longe, mãe. Mais longe!

Então, Bo andou. Foram apenas alguns passos desajeitados, mas para Nancy eram um grande salto. Ela começou a chorar e ligou para Remco pelo celular. "Bo andou", não parava de dizer.

O progresso foi lento. Com as pernas envoltas por talas de cores vivas, a menininha começou a ficar em pé por conta própria. Ficava em pé para escovar os dentes e dava passinhos até a cama, com as pernas ainda um

pouco tortas, mas capaz de dobrar e esticar os joelhos.

"Ela sempre foi muito corajosa e determinada", disse Remco a Dave durante um dos passeios de bicicleta que faziam todo sábado. "É maravilhoso ver seu corpo se desenvolver."

Então chegou o dia em que Bo entrou andando com a mãe na escola de Zef para buscá-lo e percorreu, com tranquilidade, um longo corredor. O irmão menor correu até ela.

- Bo, você é da minha altura - disse ele, dançando em torno dela. - Você é grandona!

QUASE DOIS ANOS DEPOIS, os Jansens voltaram à Holanda, mas as duas famílias continuam muito unidas. Mantêm contato pelo Facebook e por e-mail e, neste último mês de janeiro, Dave lhes fez uma visita durante o Campeonato Mundial de Ciclocross, realizado no sul da Holanda, perto da fronteira da Bélgica.

"É como se fôssemos da mesma família", diz ele. "Somos amigos para sempre." 

* * *

O QUE É O QUE É?

PERGUNTA: O que corre mas não sabe andar, tem boca mas não sabe falar, tem leito mas não dorme, e quando para morre?

RESPOSTA: Um rio.